



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

TERRITORIALIDADES NEGRAS NO INTERIOR PAULISTA

FABIANA OLIVEIRA PALMEIRA¹

JOANA D'ARC DE OLIVEIRA²

Resumo: Aborda as territorialidades negras no interior paulista, tendo como objeto de análise os municípios de Araraquara-SP e São Carlos-SP (Brasil). Para tal, dialoga com autores como Adrelino Campos, Maria Helena Machado, Raquel Rolnik, José Tavares de Lira e Henrique Cunha Jr, instrumentaliza ferramentas da história oral e documentos como códigos de posturas, jornais e processos criminais do final do século XIX e início do século XX. A pesquisa analisa a presença das africanidades na história e cultura brasileira, destacando as ações empreendidas pelo Estado e pelas elites nacionais, para estereotipar, marginalizar, criminalizar e subjugar as populações negras. Destaca, nos municípios analisados, as ações de resistências empreendidas por homens e mulheres negros para garantirem sua subsistência e a manutenção de seus saberes culturais, tanto nos seus espaços de morar quanto no espaço público das cidades. Por fim, descortina as histórias, estratégias e memórias das populações negras comumente ocultadas em narrativas eurocentradas.

Palavras-chave: Territorialidades negras; Resistências; Memórias Negras; Interior Paulista;

Introdução

Na contemporaneidade, os mais diversos profissionais que atuam nas cidades têm instrumentalizado uma série de conceitos em torno de um urbanismo inclusivo, participativo e não racista. Tais condutas, exigem a consideração às pluralidades de corpos, sujeitos, etnias, territórios e culturas que habitam as mais diferentes espacialidades. Dessa forma, olhar para as cidades e suas multiplicidades torna-se um exercício fundamental da práxis urbanística. Nesse sentido, acessar e visibilizar outras narrativas históricas e contemporâneas se coloca como exercício profícuo em prol de um outro urbanismo, alicerçado em realidades concretas e racialmente humanizadas. Nesse contexto, torna-se fundamental ultrapassar as fronteiras epistemológicas eurocentradas, rumo à visibilização de vozes, culturas, saberes, enfrentamentos, arquiteturas, comumente silenciadas.

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP); oliveirapfabiana@usp.br;

² Pós-doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP); joanadarcoliveira@usp.br;



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Ao direcionarmos nossos olhares para os povos negros , constatamos que estes tem sido foco de estudos nos campos da arquitetura e do urbanismo, recuperando análises precursoras empreendidas por pesquisadores como Beatriz Nascimento, Clóvis Moura, Gunter Weimer, Marianno Carneiro da Cunha, Roberto Moura, dentre outros. Tais abordagens destacam os saberes empregados por esses sujeitos para produzirem historicamente seus espaços domésticos, religiosos e culturais, os quais, além de congregam uma série de influências africanas, se colocam como territórios de resistência.

Nessa perspectiva, o presente artigo, direcionando os olhares para as cidades de Araraquara e São Carlos do interior paulista, destacando os espaços de resistências constituídos por homens e mulheres negros frente aos obstáculos sociais, culturais, raciais e territoriais que foram instrumentalizados pelo racismo estrutural em voga no Brasil desde o período escravista, com o intuito de marginalizar e criminalizar os povos negros. Para tal, foram empreendidas uma série de leituras relacionadas aos temas abordados e levantamentos de campo, compostos por entrevistas, levantamentos documentais, arquitetônicos e fotográficos.

Araraquara Negra

Em consonância às descendências históricas das cidades do interior paulista relacionadas ao período cafeeiro, a cidade de Araraquara tem um pico de crescimento no final do século XIX. Esse processo é consequente, sobretudo, da valorização de suas terras para plantio e na conexão com as demais cidades alavancadas pela introdução da ferrovia. Acerca da urbanização em curso e concomitante ao pós-abolição, pode-se apontar de antemão que o desenvolvimento da urbe e a marginalização do negro se configuravam como processos correlacionados, mantendo a raça e o racismo científico como critérios de estruturação do espaço, das relações sociais e econômicas.

Com a conquista da liberdade, os destinos dos libertos congregam sentidos políticos e históricos válidos de serem abordados. Dialogando com Walter Fraga Filho (2006), eram distintas as motivações para as migrações no pós-abolição, desde o retorno para perto



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

de parentes e conhecidos ou o desbravamento de outras localidades em busca de oportunidades, no arrendamento de terra ou no mercado de trabalho. Por outro lado, a permanência em regiões já conhecidas também se mostrava vantajosa para os libertos. Evidencia-se aqui novamente como o senso de família extrapola laços consanguíneos, muitos deles interrompidos ou formados nas dinâmicas escravistas, com o pós-abolição possibilitando a manutenção desses laços. As trajetórias da família Salvador abarcam algumas das motivações supracitadas para seus deslocamentos, incluindo a vinda e permanência na cidade de Araraquara, onde constroem seu espaço de morar e conciliam a (re)estruturação de seus valores culturais frente aos enfrentamentos raciais no espaço urbano.

Tendo em vista que o desenvolvimento das cidades brasileiras não se dissociava dos moldes urbanísticos eurocêntricos, os espaços ocupados e conquistados pelos indivíduos negros nesse processo se destacam aqui ao desviarem dessa vertente e incorporarem o senso comunitário e identitário em sua materialidade. Se constituindo núcleos que transcendiam o ato do morar, os bairros negros consolidam ali suas tradições, suas práticas culturais e o exercício pleno da liberdade por eles conquistada, distante das contraposições encontradas à essa no meio urbano. Em Araraquara, bairros periféricos como a Vila Xavier, que contava com um grande número de operários braçais ou de baixo escalão da ferrovia, merecem destaque. Tratam-se – a Vila Xavier, o Bairro Nossa Sra. do Carmo e o Bairro Santana – de bairros pouco valorizados, localizados nas franjas da cidade e com proximidade com o meio rural, que tornaram-se espaços de fixação e atuação de famílias negras, inclusive da família Salvador. Esses bairros, ao abrigarem suas práticas culturais e possibilitarem a manutenção de suas tradições, emergem como *lócus* de resistência da cultura negra e de pertença desses indivíduos.

A Vila Xavier surge inicialmente enquanto distrito da cidade de Araraquara, concentrando majoritariamente famílias negras e com ofícios vinculados à Estrada de Ferro Araraquarense. A rua Treze de Maio se constituía o principal eixo do bairro, e onde havia maior concentração dessas famílias, incluindo a família Salvador no período em que residem na Vila. Durcilia Salvador (2019) se recorda da família de sua prima Idalina



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Salvador vir da fazenda Alabama para a região da Vila Xavier principalmente na data do dia 13 de maio, destacada por ela pela reunião desses indivíduos para comemorar a abolição da escravatura em rodas de dança. Posteriormente, essa prática tradicional entre as famílias negras em Araraquara toma presença nos principais edifícios da cidade a partir do Baile do Carmo, importante evento de protagonismo e comando de espaços que não lhe são habitualmente familiares por conta de proibições e mecanismos discriminatórios raciais, comumente disfarçados.

O Bairro do Carmo e o Bairro Santana recebem suas denominações a partir das instituições religiosas que por ali se estabelecem. Sendo bairros fronteiriços, a família Salvador descreve a região por sua grande concentração de famílias negras até a década de 1960, fazendo das ruas 14 e 15 principais pontos de encontro dos indivíduos de ambos bairros. Idalina Salvador (2019) se recorda de o bairro ter poucas casas além dos espaços de morar da família Salvador e de alguns vizinhos pontuais em meados de 50, quando se mudaram para a cidade. Dentre eles, a família de Seu Azevedo, com quem Luiz Salvador comprou o terreno. Pela proximidade com o matadouro e as lavouras, descrevem uma paisagem majoritariamente rural, com vegetação gramínea de grande porte e a constante presença de gado nas redondezas. Todos os entrevistados desconhecem a existência de outras famílias negras no bairro nesse período, o que nos sugere que a família Salvador tenha sido a primeira família negra a ocupar o Bairro Santana, junto aos primeiros moradores da região.

Ambos os bairros, pela proximidade com a região central, se inserem no processo gradual de valorização imobiliária com as melhorias urbanísticas vigentes, o que prejudica a presença das famílias negras que ali se fixaram. Acerca da formação desses bairros e dos novos desafios encontrados, Francisco Salvador (2019) pontua a semelhança por ele notada: os bairros surgem a partir do esforço das famílias negras para comprar os lotes e edificarem seus espaços de morar, tornando-os verdadeiros redutos negros. A presença das instituições religiosas nesses bairros colabora para o lento processo de expulsão desses sujeitos, pois trata-se, a igreja, de uma simbologia à presença dessa e demais instituições de poder, que promovem a valorização desses



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

bairros com pavimentação, espaços de lazer, fornecimento de água, rede de esgoto e demais sistemas de saneamento básico. O mesmo processo é destacado por Maria Nazaré Salvador (2019) com relação ao Bairro Santana, por sua proximidade com o atual Centro, de onde essas famílias negras vão aos poucos sendo *empurradas*.

Para além da conquista de espaços edificados da cidade, a presença dos indivíduos negros em Araraquara também acontecia nas ruas através do *footing*. Durcilia Salvador (2019) nos explica a dinâmica da atividade: aos finais de semana, entre as ruas 3 e 4, homens negros ficavam sentados na calçada ou andando no meio da rua enquanto mulheres negras passeavam ao longo da Avenida São Paulo. O mesmo acontecia entre os brancos, próximo ao Clube Araraquarense. Ainda que o *footing* se restringisse à caminhalidade³ e às interações entre esses indivíduos, havia a concentração dos cinemas da cidade nos arredores dessas ruas. A diferença nas alturas de ocupação das avenidas na região explicita a ordem racial ali existente, e a separação entre os grupos é continuamente enfatizada pelos entrevistados.

Conforme os processos e discriminações aqui descritos iam tomando força, é reconhecida a importância das diferentes estratégias encontradas pelos negros para manter os batuques, as festas, os terreiros e demais práticas. Ou ainda, a resignificação, a reformulação e construção de suas tradições, que tomavam materialidade tanto nos espaços públicos, nas ruas desses bairros ou em seus quintais e espaços de morar. Sobre esse processo, concordamos com o conceito de uma *forma negra urbana* identificada por Muniz Sodré (1999), onde a ludicidade se apresenta como ferramenta de invenção do urbano, presentes nesses espaços de sociabilidade por eles promovidos. Nessas arquiteturas pretas, esse e outros valores são reverenciados a partir de seus ancestrais, respeitados em sua essência e prática, e passados de geração a

³ Tanto o *footing* na rua quanto os caminhos entre os quintais nos bairros negros constituem o que Maria Estela Ramos (2013) conceitua como *caminhalidade*. As sociabilidades entre as famílias negras são reforçadas pela rede de fluxos no interior desses bairros, que não obrigatoriamente seguem o traçado urbano pré-existente.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

geração cada qual a sua maneira, o que expressa a autonomia desses povos em criar, adaptar e somar suas heranças africanas em suas dinâmicas socioespaciais cotidianas.

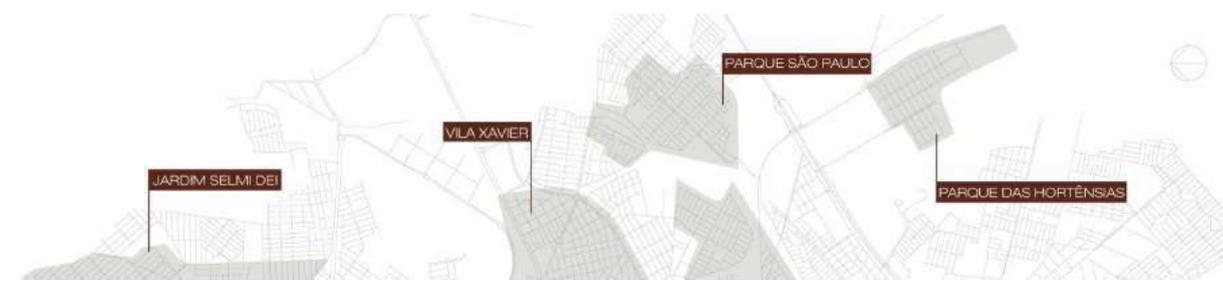


Figura 1: Mapeamento dos bairros negros de Araraquara-SP, com destaque aos espaços citados pela família Salvador

Fonte: PALMEIRA, 2022.

Ainda que as vivências nas ruas e edifícios da cidade sejam recorrentes, os entrevistados sugerem esses espaços enquanto extensões da casa e do quintal, arquiteturas que têm protagonismo para além de sua atuação na ocupação do meio urbano, congregando as sociabilidades e a identidade da família. Quando questionada sobre a preferência do quintal com relação à rua, Durcilia Salvador (2019) reconhece o afeto e acolhimento associados ao quintal por ali se sentir segura e protegida, tendo *aquela família unida, da mesma raça, da mesma cor*. Tanto para ela como para os demais irmãos, a casa representa, dentre outros significados, o esforço dos pais na compra do lote e na construção do espaço em sua multifuncionalidade.

Estabelecendo diálogos entre os estudos de Simoni Guedes (1998), o conceito de *assentamento familiar* formulado por Maria Estela Ramos (2013) e os quintais negros urbanos de Joana D'Arc de Oliveira (2018), essas organizações socioespaciais independem de limites físicos claramente estabelecidos ao valorizarem a proximidade entre os espaços de morar dos familiares, sejam eles consanguíneos ou na instituição da família estendida. O lote é adquirido por um integrante do grupo familiar e os demais membros organizam-se para a expansão do espaço físico de acordo com as necessidades. Os espaços construídos se relacionam à terra como forma de preservação da comunidade, se distanciando de uma relação de posse, onde o interesse coletivo e o valor social são determinantes. Os processos construtivos coletivos têm predominância e a manutenção desses espaços é preservada ao longo das gerações, congregando a



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

subsistência, as celebrações, rituais e o acolhimento e troca para com os seus, traduzindo assim o que Guedes (1998) coloca como um fenômeno multidimensional. Tais aspectos se apresentam com relevância na família Salvador, com o quintal como importante *locus* de resistência e manutenção coletiva.

[...] Sempre teve festa aqui sabe? Ou era terço, sempre tinha os terços aqui aí servia o licor feito em casa, servia o bolo, o café ou o pão feito em casa. Tinha as festas, festas de aniversário também, casamento também tinha, e era assim né, ou era aqui na minha casa, ou era casa dos parentes lá na Vila, ou era do parente lá na Vila Sedenho também, sempre tinha esses encontros, né, de família. [...] (Maria Nazaré Salvador, 2019)

O núcleo principal da família Salvador parte do casal Luiz Salvador e Eva Marcondes Salvador, que adquirem e constroem conjuntamente com seus filhos a casa e o quintal. Luiz Salvador é empregado pela Companhia Estrada de Ferro Araraquarense ao mudar-se para a cidade, e reside junto à Eva Marcondes Salvador na Vila Xavier após se casarem, em 1930. Quatro anos depois, o casal compra o lote no Bairro Santana, que já contava com uma casinha com três cômodos por eles construída, como documentado na escritura da compra. O terreno e a moradia pouco a pouco se expandem no quarteirão, conforme os investimentos de Luiz Salvador, e não se limitavam apenas ao usufruto destes, como também de parentes e amigos que eram recebidos e acomodados pela família, que não hesitava em construir mais um cômodo na casa para acolhê-los.

Com relação ao espaço de morar da família, compreendido inicialmente em um terreno de 10 metros de frente por 42 metros de fundo, Durcilia Salvador de Oliveira descreve que nos três cômodos estavam a cozinha, a sala e um quarto, todos construídos com tijolo de barro, esquadrias de madeira e chão vermelho. Já Maria Nazaré Salvador, nascida em 1952 nesta mesma casa, a descreve com cinco cômodos além da cozinha, com uma casinha de dois cômodos no quintal do lote, abrigando as filhas recém-casadas e parentes da família ao longo dos anos. As falas ilustram como no recorte temporal de sete anos, a casa e o terreno já não se limitavam às descrições da escritura, uma vez que os investimentos de Luiz Salvador nos lotes ao lado e aos fundos da casa resultaram em sua expansão. O processo coletivo de construção, na produção do tijolo a partir de



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

barro e água e no erguimento das paredes dos cômodos com os filhos, é comum em assentamentos familiares e também é recordado por Lázara Salvador (2019):

Quando eles folgavam, os dois vinham aqui, carpiam o pedaço deles. Daí meu pai e minha mãe fazia tijolo: meu pai fez as caixinhas, fazia tijolo e deixava secar. [...] Quando tava pronto então ele levantou um cômodo que foi a cozinha. Daí o outro cômodo ele fez de barro. (Lázara Salvador, 2019)

A distribuição dos espaços no lote seguia a hierarquia frente-fundo, com o espaço de morar localizado ao centro e se expandindo seguindo seu comprimento. O terreno aos fundos abriga até os dias atuais as primas Idalina e Ivanilde, enquanto o terreno ao lado abrigou a avó paterna e a tia Elydia Salvador. Dessa forma, aos fundos do lote principal se localizava o quintal, que se insere na família Salvador como garantia de subsistência, a partir do cultivo de árvores e hortaliças de diversas espécies, flores e a criação de animais. A multifuncionalidade do quintal dialoga com o conceito homônimo de Maria Estela Ramos (2013), que reconhece relações entre a multiplicidade de práticas nos espaços afro-brasileiros com os territórios de populações africanas, como os *musseques* angolanos⁴.

A apropriação da rua e os deslocamentos a pé são frequentes na família, e aqui destacados em sua importância política no usufruto e domínio do meio urbano. Aos finais de semana, as visitas às *comadres* e *compadres* após o almoço e brincadeiras dançantes na casa de amigos nos bairros aqui citados eram frequentes. Algumas dessas casas são destacadas nas entrevistas pela semelhante existência de extensos quintais no quarteirão, onde eram promovidas festas juninas e comemorações religiosas, nos confirmando a recorrência da forma urbana negra nas arquiteturas desses bairros.

São Carlos Negra

⁴ Os *musseques*, de nomenclatura originária do kimbundo (*mu seke*), são entrelaçados orgânicos de ruelas, corredores e espaços livres, associados por Maria Estela Rocha Ramos (2013, p. 247) em sua semelhança a organizações urbanas brasileiras.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

O município de São Carlos integrava em meados do século XIX, o promissor Oeste Paulista no que tange a produção cafeeira e assim como outros locais, empregou a mão-de-obra escravizada para os trabalhos na lavoura e no espaço urbano. Com as proibições ao tráfico transatlântico de escravos os fazendeiros recorreram ao tráfico-interprovincial, tendo no Estado da Bahia seu maior mantenedor. Mesmo que já houvessem experiências com outras formas de trabalho, o negro escravizado foi fundamental para o funcionamento do sistema econômico e social do município. Emília Viotti da Costa (1998) afirma que a maioria das fazendas abertas no Oeste paulista, já nos idos de 1860 continuava a usar escravos como a principal força de trabalho. Na mesma perspectiva Warren Dean (1977) aponta que a convivência do trabalhador contratado e o escravo não impediram que o número de escravos aumentasse consideravelmente em Rio Claro, o que também pode ser observado em São Carlos, pois em 1874 o número de escravos era de 1.568 passando para 2.464 em 1877. Oito anos depois, de acordo com “Apuração Geral da População escrava da Província de São Paulo” de 1885, São Carlos possuía um total de 3.725 escravos, sendo destes, 2.228 homens e 1.498 mulheres.

No pós-abolição, ao escolher o espaço urbano para vivenciar a sua liberdade, arduamente conquistada como nos apontam inúmeros historiadores, tanto o homem negro como a mulher negra tiveram que elaborar uma série de estratégias de resistência para driblar a conjuntura social, política, econômica e cultural excludente que se solidificou com o fim da escravidão. Em São Carlos, não podemos afirmar exatamente, quantos negros e negras escolheram o espaço urbano ou o campo imediatamente após a abolição do sistema escravista, visto não possuímos nenhum documento que registre tais informações. Porém, dezenove anos depois, apoiados no Recenseamento Populacional de 1907, levantamos que dos 38.642 indivíduos recenseados no município, 4.816 foram declarados negros, sendo 3.815 pretos e 1.001 mulatos, ou seja, 12% da população são-carlense era formada por homens e mulheres negros.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Este percentual pequeno em comparação ao número de indivíduos de cor branca encontra explicação em diversos fatores, dos quais Walter Fraga Filho (2006) aponta, para o caso da Bahia, mas que pode ser plenamente vislumbrado em São Carlos: o anseio da população negra após a abolição em retornar para sua terra natal, ou para onde estavam presentes membros de suas famílias, cruelmente separados pelo tráfico interprovincial que sustentou notadamente a escravidão no interior paulista até às vésperas da abolição. Outro elemento que contribuiu para o aumento da população branca e diminuição da negra foi a imigração europeia, fortemente impulsionada pelo Estado e os fazendeiros locais, preocupados com a substituição da mão-de-obra escrava, mas também movidos pelo desejo de branqueamento da população brasileira. De qualquer maneira, no total, havia uma presença significativa de negros em São Carlos em 1907, e dos 4.816 indivíduos, 3.487 moravam no meio rural, exercendo inúmeras atividades nas inúmeras propriedades agrícolas do município, ou como pequenos proprietários rurais, e 1.329 moravam no espaço urbano ocupando em um rol diversificado de profissões.

Como podemos perceber, a população negra que habitava o município de São Carlos em 1907, estava majoritariamente concentrada no meio rural, demonstrando que o campo também era uma opção de escolha para esses sujeitos, que podiam permanecer e voltar de acordo com suas vontades e necessidades. Segundo Hebe Mattos (1987), os negros libertos eram atraídos pela vida no campo por diversos fatores, dentre eles, o desejo pela manutenção da família, dos laços de parentesco e amizade, o cumprimento de acordos e contratos trabalhistas, o conhecimento dos serviços executados, o acesso à moradia e a um pequeno pedaço de terra para plantações de alimentos e criação de animais, que eram usados para o consumo familiar e, em alguns casos, também comercializados. No município, estes fatores certamente influenciaram os 3.487 indivíduos a optarem pela vivência de suas liberdades no meio rural, colocando por terra o discurso de que os negros deram preferência à vida no meio urbano no pós-abolição. Isso, porém não significa que ex-escravos de São Carlos tenham permanecido no campo após a abolição, pois os negros que habitavam o meio rural em 1907 podiam perfeitamente ser migrantes que para cá vieram motivados por inúmeros fatores. De



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

qualquer maneira, acreditamos ser de extrema valia conhecermos os motivos que levaram uma pequena parte da população negra a escolher a cidade.

Em 1907, o município de São Carlos era regido pelo Código de Posturas que foi aprovado em 1905. De acordo com Renata Priore Lima (2008), esse código foi definido pela lei municipal número 58 e mantinha muitos aspectos dos Códigos anteriores, trazendo, no entanto, uma mudança, segundo a autora, muito significativa para a cidade, a saber, o estabelecimento dos limites da área rural e urbana, sendo esta última subdividida em cidade e subúrbio. A cidade, neste período, já contava com alguns loteamentos afastados dos espaços ocupados pela elite local e que perfaziam os arredores da igreja matriz, o qual, segundo Bortolucci (1991) era ocupado por majestosos casarões ecléticos dos barões do café que ali mesclavam costumes rurais e urbanos.

Para as classes mais pobres foram criados logo após a abolição da escravidão, os bairros, Vila Nery, Pureza e Izabel, os quais, a nosso ver, surgiram em resposta ao medo das elites de que ocorresse uma migração em massa dos libertos para o espaço urbano com o fim da escravidão. Assim, evitando que eles ocupassem a região central, trataram logo de lotear espaços distantes, para que os mesmos pudessem se estabelecer longe do perímetro elitizado. Certamente foi a partir da preocupação com o “*perigo*” que os libertos representavam para a elite branca, como destacou Maria Helena Machado em seu livro “O Plano e o Pânico”, que surgiram os primeiros loteamentos no município, desprovidos de qualquer tipo de infraestrutura e embelezamento.

De acordo com Recenseamento de 1907, o espaço urbano em São Carlos era formado pelos bairros Centro, Vila Izabel, Vila Pureza, Vila Nery, Botafogo e Subúrbios, os quais agregavam em maior ou menor número homens e mulheres negros, que somavam 47% dos moradores na Vila Pureza, 41,71% na Vila Izabel, 30,13% na Vila Nery, 12,43% no Centro e 12,27% nos subúrbios. Ocupavam assim, em maior ou menor número todo o espaço urbano, se concentrando, porém, com maior representatividade nos bairros Vila Pureza, Vila Izabel e Vila Nery.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Destes bairros, homens e mulheres deslocavam-se diariamente para exercerem suas atividades profissionais na região central da cidade. Comumente desempenhavam atividades informais, tendo em vista que o racismo vigente, fechava as portas ao trabalho formal para a maioria da população negra. Diante desse cenário, foram eles sapateiros, pedreiros, marceneiros, cozinheiros, vendedores ambulantes; e elas, lavadeiras, empregadas domésticas, vendedoras ambulantes, dentre outras.

Vale salientarmos que, apesar de ocuparem espacialmente locais distintos no espaço urbano de São Carlos, os homens e mulheres negros compartilhavam trajetórias similares e driblavam a sociedade republicana tão racista quanto a imperial e a colonial. Os desafios que se colocaram eram materializados nas dificuldades de acesso ao trabalho formal, à educação e a outros direitos básicos, como saúde, moradia e alimentação. Eram destinadas aos negros e negras as atividades consideradas degradantes pelos brancos nacionais e muitos imigrantes. Além disso, enfrentavam a perseguição e criminalização de suas crenças, hábitos e práticas culturais. Essas, porém, como nos sugere vasta documentação, eram realizadas, tanto no espaço doméstico como no espaço da rua. A rua era considerada o espaço da liberdade, mas de uma liberdade controlada, cerceada, constantemente monitorada. Mesmo assim, negros e negras recriaram seus espaços de vivência e encontros no espaço urbano, tais como clubes negros, escolas de samba, espaços para o *footing* e igrejas de santos negros.

Dos locais negros da cidade de São Carlos - SP que podiam ser usufruídos podemos destacar a Igreja de São Benedito que além de ser um espaço destinado aos cultos católicos era o local para a realização do *footing* negro em seu adro. Inaugurada no final do século XIX, foi um dos primeiros lugares negros urbanos registrados no município. Símbolo da cultura e da resistência negra, ela foi cogitada pela irmandade de São Benedito. Sobre a sua fundação, nos conta a historiadora Leila Massarão (2013):

Em 1890, João Antônio Xavier, sacristão da Matriz e responsável pela Irmandade de São Benedito solicitou à Câmara Municipal a doação do terreno para a construção de uma capela em homenagem ao santo. Efetivada a doação teve início a construção da capela,



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

com trabalhadores negros e brancos trabalhando conjuntamente e sob a coordenação do construtor italiano Domingos Marra. Em 1892, porém, por falta de recursos a obra foi paralisada, sendo retomada pouco depois pelos esforços em angariar doações do Tenente Francisco Cabral e Benedito José Gomes (ex-escravo, devoto de São Benedito). A primeira capela de São Benedito foi, assim, inaugurada em 30 de junho de 1897.



Figura 2: Igreja São Benedito
Fonte: Acervo FPMSC. São Carlos.

A praça de São Benedito, que abrigava a igreja e o jardim envoltório, tornou-se espaço de encontro da população negra, que passou também a frequentar o Cine Teatro São José, inaugurado nas primeiras décadas do século XX, defronte ao pátio da igreja. Vale salientarmos que esses locais também eram frequentados por brancos, majoritariamente imigrantes, que estabeleciam relações mais amistosas com os negros e negras da cidade.

Além da igreja, diante da impossibilidade de frequentar os clubes brancos locais, foram inaugurados alguns clubes negros na cidade, que culminaram na fundação do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio no ano de 1928. Foram responsáveis por sua criação trabalhadores negros empregados na Companhia Paulista de Estradas de Ferro. A construção de sua sede, cuja pedra fundamental foi lançada em 15 de novembro de 1948, demarcou espacialmente a consolidação do clube na cidade. Neste local, negros e negras, divertiam-se nos finais de semana, em dias festivos e datas comemorativas.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Dentre os eventos marcantes estavam o carnaval e o concurso de rainha do clube. Além disso, assim como, grande parte dos clubes negros no país, o Flor de Maio atuou diretamente no desenvolvimento educacional de seus frequentadores.

O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, fundado na cidade de São Carlos no dia 4 de maio de 1928, é sem sombra de dúvidas a materialização local desta injunção – da luta social dos afrodescendentes e da Companhia Paulista de Estradas de Ferro – que tanto contribuiu, material e simbolicamente, para o desenvolvimento de nosso município. Sua idealização e edificação representam não só um importante capítulo da história da população negra em São Carlos como também do papel social desempenhado pelas companhias ferroviárias no interior paulista através da conformação de uma “elite negra” mais cônica de seus direitos e valores. Desempenhando um papel fundamental no processo de ressocialização e afirmação cultural da população negra na cidade de São Carlos, o Grêmio desde cedo ultrapassou o aspecto meramente recreativo e demonstrou sua vocação educacional e inclusiva, criando, ainda na década de 1930, uma escola de ensino primário aberta também para a população não afrodescendente. (Ruy Sardinha Lopes, 2011, p.1)



Figura 3: Clube Flor de Maio

Fonte: GRFlor de Maio/Arquivo Histórico/Reprodução “Café, Indústria e Conhecimento – São Carlos, uma história de 150 anos”.

Por mais que esses locais fossem usados por uma parcela significativa da população negra, vale destacarmos, que era no espaço doméstico, formado pela casa e quintal, que esses sujeitos encontravam espaço para manifestarem suas crenças, culturas e



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

transmitir os seus saberes. A configuração do quintal como um lugar de resistência da gente negra é discutida no livro, “Da senzala para onde? Negros e negras no Pós-abolição em São Carlos-SP (1880-1910)” publicado em 2018.

Por fim, podemos afirmar, que esses sujeitos, se estabeleceram para além dos limites definidos pelas elites brancas e se apropriaram dos espaços das ruas, de alguns espaços públicos da cidade e de seus espaços de morar. Driblando uma constante conjuntura de discriminação e marginalização racial e espacial eles se fixaram no núcleo urbano de São Carlos, fomentando a economia e a cultura local, ainda que suas vivências estivessem mais restritas, aos seus pares.

Considerações Finais

Ao percorrer os processos investigativos que nos permitiram identificar e registrar as territorialidades negras nas cidades de Araraquara e São Carlos, localizadas no interior do estado de São Paulo, percebemos a importância da interconexão entre universidade e sociedade, para a produção de conhecimentos sobre outros sujeitos, outros corpos e outras arquiteturas. Ao contrário do que comumente nos fizeram pensar, os povos negros são detentores de inúmeros saberes, trazidos por eles no processo diaspórico provocado pelo escravismo criminoso, como nos aponta Henrique Cunha. Suas vivências, fortemente marcadas pelas ancestralidades africanas, são respostas afrontosas ao racismo estrutural, que insiste em silenciá-los. Muito ainda precisa ser feito, para que as cidades se tornem espaços culturalmente diversos e inclusivos. As histórias das territorialidades negras, nos mostram que, mesmo diante das violências comumente impetradas aos corpos negros, eles seguem, desde sempre, resistindo.

Referências

BORTOLUCCI, Maria Ângela. **Moradias Urbanas Construídas em São Carlos No Período Cafeeiro**. São Paulo: FAU-USP. Tese de Doutorado, 1991.

COSTA, Emília Viotti da Costa. **Da senzala à Colônia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

CUNHA JUNIOR, Henrique; BIÉ, Estanislau Ferreira. **Bairros negros, cidades negras**. Editora Via Dourada, 2019.

DEAN, Warren. **Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura (1820-1920)**. Tradução de Waldívia Portinho. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

FILHO, Walter Fraga. **Encruzilhadas da Liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

GOMES, Flávio dos Santos. et al. **Cidades Negras: africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX**. São Paulo: Alameda. 2ª edição, 2006.

GUEDES, Simoni Lahud. Redes de parentesco e consideração entre trabalhadores urbanos: tecendo relações a partir de quintais. **Caderno CRH**, nº29, p. 189-208, 1998.

LIMA, Renata Priore. **Limites da Legislação e o (des)controle da expansão urbana: São Carlos (1857-1977)**. São Carlos: Edufscar, 2008.

LOPES, Ruy Sardinha. **Parecer circunstanciado referente ao Tombamento do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio - Processo 57/2011**. São Carlos, 2011.

MACHADO, Maria Helena. **O Plano e o Pânico. Os Movimentos Sociais na Década da Abolição**. Rio de Janeiro: Editora UFSJ, EDUSP, 1994.

MATTOS, Hebe Maria. **Ao sul da história: lavradores pobres na crise do trabalho escravo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad, 2019.

RAMOS, Maria Estela Rocha. **Bairros negros: uma lacuna nos estudos urbanísticos um estudo empírico conceitual no bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador (Bahia)**. Doutorado (tese) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2013.

WEIMER, Günter. **Inter-relações afro-brasileiras na arquitetura**. EDIPUCRS, 2014.
Entrevistas concedidas

OLIVEIRA, Durcilia Salvador de. **Entrevista** concedida a Joana D'Arc de Oliveira, Fabiana Oliveira Palmeira, Liz Santo Macedo e Márcio Antônio Lino Jr. Araraquara, 2019

SALVADOR, Francisco Luiz. **Entrevista** concedida a Joana D'Arc de Oliveira, Fabiana Oliveira Palmeira, Liz Santo Macedo e Márcio Antônio Lino Jr. Araraquara, 2019



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

SALVADOR, Idalina; SALVADOR, Ivanilde; SALVADOR, Maria de Lurdes. **Entrevista** concedida a Joana D'Arc de Oliveira, Fabiana Oliveira Palmeira, Liz Santo Macedo e Márcio Antônio Lino Jr. Araraquara, 2019

SALVADOR, Lázara. **Entrevista** concedida a Joana D'Arc de Oliveira, Fabiana Oliveira Palmeira, Liz Santo Macedo e Márcio Antônio Lino Jr. Araraquara, 2019

SALVADOR, Maria Nazaré. **Entrevista** concedida a Joana D'Arc de Oliveira, Fabiana Oliveira Palmeira, Liz Santo Macedo e Márcio Antônio Lino Jr. Araraquara, 2019



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global